

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DÉBORA VIEIRA DA ROCHA
FLÁVIO ANTONIO FERREIRA DA SILVA
NÁDIA MARIA SANTANA DE FREITAS ELIAS

**MATERNIDADE DE PESSOAS COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA: UM DESAFIO SOCIAL.**

RECIFE/2023

DÉBORA VIEIRA DA ROCHA
FLÁVIO ANTONIO FERREIRA DA SILVA
NÁDIA MARIA SANTANA DE FREITAS ELIAS

MATERNIDADE DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM DESAFIO SOCIAL.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC I do Curso de Psicologia do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Orientador(a): Prof. Me. Danilo Manoel Farias da Silva

RECIFE/2023

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

R681m Rocha, Débora Vieira da.

Maternidade de pessoas com transtorno do espectro autista: um desafio social/ Débora Vieira da Rocha; Flávio Antonio Ferreira da Silva; Nádia Maria Santana de Freitas Elias. - Recife: O Autor, 2023.

26 p.

Orientador(a): Me. Danilo Manoel Farias da Silva.

Trabalho de Conclusão de curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2023.

Inclui Referências.

1. Maternidade. 2. Autismo. 3. Gênero. 4. Política social. I. Silva, Flávio Antonio Ferreira da. II. Elias, Nádia Maria Santana de Freitas. III. Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 159.9

DÉBORA VIEIRA DA ROCHA
FLÁVIO ANTONIO FERREIRA DA SILVA
NÁDIA MARIA SANTANA DE FREITAS ELIAS

MATERNIDADE DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM DESAFIO SOCIAL.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC II do Curso de Psicologia do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Examinadores:

Orientador - Titulação

Examinador 1 - Titulação

Examinador 2 - Titulação

Nota: _____

Data: ___/___/_____

Dedicamos nosso trabalho a Deus, nossos familiares e amigos que sempre estiveram conosco nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Iniciamos nossa história como todo faz de conta, pelo qual os personagens principais iniciam sua jornada atrás de um sonho. E como toda história em seu percurso, novos personagens aparecem para contribuir de sua forma a história de alguém. É através desses cinco anos de curso que aprendemos o valor de compreender e da escuta para alguém que você nem conhece. Histórias de vidas que se transformaram através de uma simples frase "esse lugar é seu, fale o que quiser que não será julgado(a)". Aprendemos que a vida de qualquer pessoa é importante e que não precisa ser conhecida para ser aceita. Toda transformação de um jeito de ser autêntico, se deu através de pessoas que nem se quer nos conhece e por isso agradecemos a todos os professores e em especial: Prof.º Me. Danilo Manoel, Prof.ª Me. Nádia Oliveira que nos ajudaram nesse caminho profissional. Agradecemos aos colegas que estiveram conosco nos momentos de estudo, nós trabalhos em grupos e principalmente os que seguiram sua caminhada no decorrer do tempo.

Débora: Os agradecimentos são uma forma de expressar tamanha humildade em saber que sozinha eu não iria conseguir. A começar pela ajuda de Deus, que através dEle pude me sustentar e me ancorar mesmo em situações difíceis e me alegrar quando conquistava as pequenas coisas do meu processo. Agradeço à minha mãe, dona Tarciliana, por ter acreditado em mim enquanto nem eu mesma acreditei em mim, que mesmo não tendo ensino completo me fez enxergar que é rica dentro de seu coração pelos seus ensinamentos da vida. Ao meu pai, seu Felipe, que honrou até o final do curso a me ajudar a conquistar meu sonho em ser psicóloga. Na minha trajetória acadêmica, pude conhecer docentes que me inspirou e em especial, dedico-me citar as Prof.ª Renata Dias, Prof.ª Mariana Pessoa, Prof.ª Nádia Oliveira e Prof.ª Tainá Ottoni e dentre outras que contribuíram no meu aprendizado e conduzido ainda mais que eu amasse a psicologia e as relações humanas. E não menos importante, agradeço aos meus amigos deste Trabalho de Conclusão de Curso por terem sido meus parceiros de “perrengues” e muitos momentos de crescimento interno e acadêmico.

Flávio: Minha eterna gratidão aos meus familiares que me deram forças nos momentos de cansaço e desânimo, me dando coragem com seus poucos recursos para a realização de um sonho.

Nádia: Agradeço primeiramente a Deus por ter me permitido chegar até aqui, através de muitas lutas e renúncias. Agradeço a meu esposo, Romero Elias, por me apoiar e dar suporte quando precisei. A meu filho, Romero Gabriel, que nos momentos de dúvidas estava presente para me dar auxílio. À minha mãe, Maria das Neves, dar-me suporte nos afazeres domésticos. E, por fim e não menos importante, à minha irmã, Natália Lira, por me ceder os materiais de estudos quando precisava.

“O conhecimento é poder. Utilize parte do seu tempo para educar alguém sobre o autismo. Não necessitamos de defensores. Necessitamos de educadores.” — Asperger Women Association

RESUMO

Em meio às adversidades vivenciadas por mães de crianças do espectro autista, este presente trabalho busca discorrer e esclarecer através das literaturas científicas como se dá os suportes e redes de apoios através de políticas públicas a estas mães que muitas vezes são coagidas a tamanha responsabilidade de forma individual. Com isso, — sendo atravessada por uma cultura onde criança perfeita é vista com saúde sem algum tipo de anomalia ou transtornos; muitas vezes tendo que lidar sozinha com a frustração do filho esperado, de um demorado diagnóstico e de uma atenção às necessidades do filho —. Através desse contexto trazemos como objetivo analisar os desafios das mães de pessoas autista e identificar as probabilidades de políticas públicas para a maternidade autista. Com isto foi elaborada buscas e análise das literaturas relacionadas ao tema dos últimos anos que colaboraram na elucidação do espectro autista e suas relações com as políticas públicas. Através desse processo de pesquisa foi observado fatores como: um luto pelo filho idealizado; uma necessidade de programas de informação e acolhimento tanto para profissionais, como principalmente para as famílias. — A existência de uma cobrança social na mulher em relação ao cuidado como um dever, a rotina do cuidador variando de acordo com as necessidades do autista pelo seu fator econômico social e fatores estressantes presentes no cuidador principalmente na mãe que ocupa esse lugar pela atenção e ação que o autismo requer.

Palavras-chave: **maternidade; autismo; gênero; política social.**

SUMMARY

Amid the adversities experienced by mothers of children with autism, this paper seeks to discuss and clarify through scientific literature how to give support and support networks through public policies to these mothers who are often coerced to such responsibilities individually, being crossed by a culture where the perfect child is seen as healthy without any abnormalities or disorders. Many times having to deal alone with the frustration of the expected child, of a delayed diagnosis and of an attention to the child's needs. Through this context we bring as objective to analyze the challenges of mothers of autistic people and identify the probabilities of public policies for autistic motherhood. A search and analysis of the literature related to the theme in recent years was carried out, which contributed to the elucidation of the text. Through this research process it was observed factors such as: a mourning for the idealized child, a need for information and welcoming programs both for professionals and especially for families. The existence of a social charge on women regarding care as a duty, the caregiver's routine varying according to the needs of the autistic child due to its social economic factor and stressful factors present in the caregiver, especially in the mother who occupies this place due to the attention and action that autism requires.

Keywords: maternity; autism; genre; social policy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 TEA.....	13
2.2 MATERNIDADE.....	14
2.3 POLÍTICAS PÚBLICAS.....	16
3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	18
4 RESULTADOS.....	20
5 DISCUSSÃO.....	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

O vocábulo Autismo é uma expressão usada anteriormente para falar sobre o Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). As pessoas que têm esse diagnóstico apresentam comumente alguns danos que podem variar em graus em cada autista, sendo elas: a comunicação social e os comportamentos repetitivos e restritos. Levando-o a ter dificuldade em sua relação com seu meio familiar, como principalmente seu meio social. (ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA [APA], 2002)

De acordo como o espectro se apresenta pelos danos em alguns campos como comunicação e motricidade, aumenta a necessidade de uma equipe multidisciplinar. A equipe vai auxiliar no desenvolvimento almejando a diminuição do impacto e melhorando o desempenho de suas capacidades. Vários campos da ciência estão contribuindo para o crescimento e redução de danos como: a fonoaudiologia, pediatria, neurologia, fisioterapia, psicopedagogia, psiquiatria e a psicologia, contribuindo no processo da pessoa em seu reconhecimento pessoal em sua angústia, seus medos, visando o equilíbrio emocional e na mudança de comportamento.

A forma como o autista muitas vezes se apresenta é com a dificuldade de estabelecer um bom processo de comunicação, interferindo-se na maneira de se comportar como a interação ou até mesmo na maneira de brincar, o que dificulta a aprendizagem que pode estar presente em seu meio. Isso acontece por haver um atraso na aprendizagem da linguagem, sendo apresentado de uma forma repetitiva e por pouca proximidade social e emocional que o autista tem em seu meio, a depender do grau do seu espectro.

Há anos as opiniões sobre o autismo passaram por grandes mudanças com estudos da medicina, foram observados diversos diagnósticos entre eles o transtorno obsessivo-compulsivo, personalidade esquizóides e outras. Atualmente o autismo clinicamente é decretado e reconhecido como um grupo de sintomas e complexidades revelados nas dificuldades de interação social, repetição do comportamento, dificuldades na fala e insistências em deliberar rotinas não úteis. O

autismo tem como tripé; deficiência na interação social, comportamentos repetitivos e repulsão em comunicar se verbalmente ou não.

O momento da maternidade é um processo muito mágico, pelo qual a mulher vai se deparar com um novo momento de sua vida. Se inicia em si novas rotinas e como cada gestação é única se inicia novas formas de idealizações, sentimentos e experiências. É no momento em que esse encontro acontece, se inicia uma comparação do real com o idealizado dando início à frustração. Com isso, é comum em pais de crianças com TEA se sentirem frustrados pelos seus filhos não olharem para eles, não ter demonstração de afeto, o que é muito diferente das suas idealizações. Há uma presença dos pais em desejar uma criança perfeita, saudável.

Ficar de frente com a limitação do filho é sempre doloroso para os pais e cuidadores, por ser um caminho novo e desconhecido. A maneira de lidar com essa situação é muito dolorosa e gera muito medo, sofrimento, ansiedade e frustração. Por conta disso, exercitar a maternidade e a paternidade nesses casos é muito complicado, mesmo tendo apoio multidisciplinar é sobre eles que recaem toda a responsabilidade. Por ter passado por todo processo de frustração da idealização do filho real, alguns pais não conseguem lidar com a sua frustração e o medo do por vir pela limitação de seu filho, acaba em optar por abandonar sua família e deixar sua responsabilidade na mãe ou em outros membros da família.

Por ser a mãe que muitas vezes estará à frente dos cuidados do filho, são elas que vão procurar saber mais sobre o autismo e novas formas de ajudar o filho em seu desenvolvimento, criando uma rede de contato com outras mães e profissionais.

Nesse ínterim, as políticas sociais surgem para elencar e incluir pessoas com esse transtorno a fim de integrar e criar base para dignidade humana por garantia de benefícios financeiros, acessos à grade escolar e de educação inclusiva em escolas de formato regulamentar, foi-se criada a Lei nº 12.764 que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA. Dentre os marcos políticos, o Brasil apresentou de forma íntegra a Lei nº 13.977, a chamada "Lei Romeu Mion", em referência ao filho do apresentador brasileiro, Marcos Mion, que foi pioneiro ao falar e discutir sobre a acessibilidade e a dignidade de pessoas com TEA.

Com a divulgação sobre o assunto, estudos observaram a existência de comportamentos estressores em famílias de pessoas autista. Em que se destaca a implicação que pessoas com autismo causam sobre seu meio familiar, por conta da demanda de cuidado e atenção que eles devem ter com o autista.

Em vista disso, nosso trabalho visa levar a esses contextos reais presentes em nossa sociedade o conhecimento dessas necessidades nos debates públicos. O que ainda não está sendo argumentado nem presente no consciente social que é a necessidade de auxílio que esses cuidadores têm.

Observando todo esse contexto de demanda causada pelo autismo e exigência social, buscamos saber quais as ações e possibilidades que as políticas públicas e de inclusão podem contribuir com a assistência na maternidade de pessoas com TEA? Damos seguimento ao nosso trabalho almejando não só um aprofundamento do assunto, mas também colaborando para discussões e planejamentos de projetos.

OBJETIVO GERAL

- Analisar os desafios das mães de pessoas autistas.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Identificar as probabilidades de políticas públicas para a maternidade autista.
- compreender como se dá a dinâmica do cuidador(a).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 TEA

O termo “autista” teve seu início pelos estudos da psiquiatria em 1906, sendo caracterizado como uma questão de pensamentos nos pacientes observados por Plouller, onde recebiam o diagnóstico de esquizofrenia infantil. (SERRA, 2004). Em 1911, o termo voltou com Eugene Bleuler (SERRA, 2004), onde descrevia as crianças que tinham uma dissociação dita como fora da realidade como portador de autismo.

Algum tempo depois, psicanalistas começaram a responsabilizar os pais pelos diagnósticos de autismo de seus filhos. Recaindo conseqüentemente para as mães, onde eram chamadas de mães geladeiras. (FÁVERO & SANTOS, 2015).

Em 1943, Leo Kanner (SERRA, 2004), ao analisar onze crianças que mostravam comportamentos tidos como raros, sendo um deles a dificuldade em manter contato desde sua infância:

A ausência de movimento antecipatório, a falta de aconchego ao colo e alterações na linguagem como ecolalia (uso de palavras descontextualizadas). Distúrbios na alimentação, atividades e movimentos repetitivos, resistência à mudança e limitação da atividade espontânea também se mostraram presentes. (SERRA, 2004, pág. 12)

O Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) não tem uma causa particular, ela se dá através das alterações no desenvolvimento cerebral com um forte teor genético. Se apresenta com alguns prejuízos como a comunicação social e os comportamentos repetitivos e restritos. Levando-o a ter dificuldade em sua relação com seu meio familiar como principalmente seu meio social. (ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA [APA], 2002).

Existem três graus de autismo: Nível um quando não é necessário o acompanhamento diário. Nível dois, é tido como moderado sendo necessário um acompanhamento rotineiro. Nível três é classificado como severo, necessitando de cuidados e acompanhamentos diariamente. A pessoa com transtorno de espectro autista em sua forma de contato com o mundo, apresenta certa dificuldade em fazer algumas tarefas que podem ser observadas como comuns, para o autista de grau três não é, por esse motivo a atenção e cuidado dos cuidadores ou pais para com eles. (FACION, MARINHO, & RABELO, 2002; SALLE, SUKIENNIK, A. SALLE, ONÓFRIO, & ZUCCHI, 2002; KLINK & MERCADANTE, 2006)

Dessa maneira, para lidar com a forma de ser do autista e suas necessidades os familiares precisam se moldar numa didática em que a pessoa com TEA possa se desenvolver num âmbito em que todos vivenciem sua rotina, mesmo de formas diferentes de vivência possam se relacionar de sua maneira. (FÁVERO & SANTOS, 2005; SCHMIDT, DELL'AGLIO, & BOSA, 2007).

Considerando que os aspectos inerentes ao comportamento autista, junto com seus aspectos estressores, podem contribuir para que o estresse também apareça em seus cuidadores. (SCHMIDT & BOSA, 2007).

2.2 Maternidade

De acordo com Badinter (1985), a maternidade é entendida como uma perspectiva social que vai além do aspecto biológico e genético e alinha-se com a vivência sócio-histórica entre as fases da vida.

Maldonado (2002), discutiu que dessa maneira para lidar com a forma de ser do autista e suas necessidades os familiares precisam se moldar numa didática em que a pessoa com TEA possa se desenvolver num âmbito em que todos vivenciem sua rotina, mesmo de formas diferentes de vivência possam se relacionar de sua maneira. Considerando que os aspectos inerentes ao comportamento autista, junto com seus aspectos estressores, podem contribuir para que o estresse também apareça em seus cuidadores.

No desenvolvimento da gestação Maldonado (2002) relata a idealização do filho no processo gestacional, segundo o autor:

Desde a gravidez acontecem mudanças na rotina da futura mãe, principalmente se for a primeira experiência de gestação, despertando com isso novos sentimentos, fantasias e expectativas. Já havendo possibilidades de decepções causadas pelo contato com o bebê, pois existe uma distância entre o filho fantasiado e o filho real. (MALDONADO, 2002, pág. 42)

Segundo Ferreira, Costa e Couto (2017) há uma necessidade de pensar a maternidade como um desafio, que não se aprende com alguma matéria, mas sim em sua vivência. Por mais que seja algo exercitado a mulher, sua percepção com a maternidade se dá na experiência.

Badinter (1985) relata que a mulher muitas vezes é vista como sendo de uma forma coagida a cuidar dos seus filhos e de sua família desde o século XIX. Sendo colocada numa sociedade machista e capitalista como submissa e cuidadora, tendo como qualidades saber ler, costurar, cozinhar e escrever. Vista muitas vezes como sendo seu papel principal de mãe, a mãe que ama, que cuida, sendo colocada de forma submissa pela sociedade.

Em seu meio social a mulher ainda é vista como detentora do dever de ser mãe, a mulher capaz de tudo, que faz sacrifícios pelos filhos. (BADINTER, 1985)

Mesmo a mulher que também sofre com sua frustração em relação ao filho perfeito, ela tem esse sofrimento negado por ser mulher, por ter o dever de cuidar. Os cuidadores lidam não só com o diagnóstico que traz um alívio por ter agora conhecimento de como auxiliar, mas também o conflito de que o filho tem uma patologia que eles têm que lidar, muitas vezes ficando a cargo da mulher. (LOPEZ, H. B. et al. 2019)

Com o processo de luto pelo filho perfeito, a mãe por tentativa de superar a perda desenvolve ânimo para cuidar do filho que precisa de auxílio, aceitando o filho como é. (LOPES, H. B. et al. 2019)

2.3 Políticas Públicas

Segundo Augusto (1989), o termo “política pública” tem se destacado desde a década de 70, principalmente em estudos sociais ocupando espaço dos planejamentos estatais.

As políticas públicas podem ser consideradas como decisões encaminhadas para uma estabilidade social. Convicção direcionada pelo fluxo e modificação provocada pelos seus valores, ideias e visão social. Também pode ser compreendida como estratégia que é direcionada por um objetivo de um grupo. (SARAIVA; FERRAREZE, 2006)

A ideia de planejamento e política mostram uma diferença empírica. As primeiras experiências de planejamento no Brasil estavam mais voltadas aos números, por estabelecer prioridades e metas em volta do desenvolvimento econômico. Não havia articulação nas aplicações de políticas públicas. (AUGUSTO, 1989)

A menção de planejamento e política pública facilita a qualificação do público e do privado nas ações ativas no país. Tem como prioridade o objetivo de interferência estatal nas decisões dos interesses de todos. (AUGUSTO, 1989)

O caminhar das políticas públicas apresentou-se como uma inovadora forma de tratar as incertezas das transformações do contexto. Tendo seu processo inicial nos países europeus para agir de forma mais eficaz as queixas sociais. (SARAIVA; FERRAREZE, 2006)

Pela necessidade de artifícios e instituições públicas que amparassem os autistas e sua família, levou seus familiares a criarem grupos de ajuda e de

conhecimento sobre o autismo, Se espelhando por atitudes parecidas na Europa e Estados Unidos. (MELLO, 2005)

Cavalcante (2003) diz: A política social está relacionada com a forma de modelos de proteção estabelecidos pelo estado, visando diminuir a desigualdade desenvolvida pelo socioeconômico. Seu surgimento tem início nas manifestações da revolução industrial no século XIX, conflitos trazidos pela desigualdade de classe (MATTOS, 2001)

Offe traz em questão o fluxo do Estado na Sociedade Moderna, trazendo o início da política social como um meio estratégico:

Defendemos aqui a tese da trajetória evolutiva da política social, precisam ser levadas em conta como fatores causais tanto exigências quanto necessidades, tanto problemas da integração social quanto problemas da integração sistêmica (Lockwood), tanto a elaboração política de conflitos de classe quanto de crises. (OFFE, op. cit., p. 36)

No Brasil as políticas públicas relacionadas às pessoas autistas se processaram de forma vagarosa, até o aparecimento das intervenções políticas acerca da saúde mental de crianças e adolescentes no começo do século XXI. Onde se utilizavam de auxílio de instituições não governamentais, algumas desenvolvidas pelos familiares de autistas. CAVALCANTE, 2003)

O defrontamento lento da questão trouxe uma marca para a política pública do Brasil, duas atuações distintas. De um lado os integrantes da política pública de saúde mental e os gestores da atenção psicossocial. Do outro, os pais e familiares de autistas que construíram formas de assistência como a AMA. (NUNES, 2014)

Nunes (2014) relata que tem através das mobilizações ir em busca pelos direitos, mostrando faltas assistenciais nos tratamentos de seus filhos:

Desde a formação da AMA, grupos de familiares de autistas vêm se consolidando pelo país, não apenas como fonte de apoio emocional a outras famílias, mas como meio de angariar recursos públicos, formular projetos de lei, novos tratamentos, pesquisas e atendimentos em saúde e educação e produção de conhecimento. (NUNES, 2014, p.15)

Em 2008 foi criado o grupo de trabalho sobre o autismo no SUS, com parceria do ministério da saúde, associação brasileira de autismo entre outros, para analisar a atenção do SUS à pessoa autista. Propondo formas de melhorias ao acesso e qualidade da atenção. (BRASIL, 2008, p.3)

As movimentações das famílias ajudaram na aprovação da lei nº 12.764, que reconhece de forma legal a pessoa com espectro autista. De modo assistencial, político, científico, educacional e em todos seus direitos básicos. (OLIVEIRA, 2015)

Através de discussões de melhorias, o ministério da saúde lançou documentos almejando orientar as pessoas acerca dos tratamentos. Um foi o "Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA)" (BRASIL, 2014). E o "Linha de Cuidado para a Atenção às Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas Famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde" (BRASIL, 2015)

Em 2022 a lei nº 12.764 teve algumas alterações pela lei nº 13.977 que foi sancionada por seu objetivo ser a criação de carteira de identificação da pessoa com transtorno do espectro autista. A lei visa assegurar a atenção integral e prioridades no serviço de saúde, públicos ou não. (SENADO, 2020)

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A metodologia utilizada neste trabalho é de revisão sistemática de literatura, que permite a exploração do tema através de uma busca como ponto inicial para o mesmo. Quando analisada a questão em mente para o problema em que queria relatar ao texto, partimos em busca para analisar pesquisas que envolviam o tema, visando uma maior explanação e um maior referencial do assunto.

Sendo assim, partimos em buscas de materiais publicados e em sua investigação, ficamos um bom tempo analisando os textos para uma melhor compreensão do assunto e observar questões que se sobressaem acerca do tema. Principalmente a obtenção de informações acerca das nossas observações, relacionando sempre os contextos do dia a dia da mãe de um filho autista com os materiais encontrados.

No processo de exploração selecionamos materiais com o objetivo de colher e transmitir informações sérias acerca do tema, por conta disso escolhemos oito artigos, cinco livros, uma cartilha para obter informações dos bancos de dados o Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), artigos científicos, cartilhas como do Ministério da Saúde do Pernambuco e livros como: "Mundo

Singular: entenda o autismo” de Ana Beatriz (2012). Valendo-se de palavras chaves como: autismo, maternidade, política social, gênero.

Os materiais utilizados foram examinados de modo que buscamos levar ao conhecimento e clarear de maneira mais simples e verdadeira o contexto do que é autismo e a dinâmica da maternidade autista, assim como o desenvolver dos objetivos oferecidos.

Desta forma utilizamos materiais que trazem em seu texto o processo da maternidade autista, suas implicações, questões sociais como políticas, significados, processo histórico, escritos que relatam o que é o autismo, o papel da mulher como mãe de uma pessoa com transtorno também foram colhidos para colaborar para uma melhor contemplação.

O panorama deste trabalho se dá através do caráter qualitativo, com a intenção de almejar uma melhor e maior compreensão dos dados coletados para um melhor entendimento acerca do assunto. Almejamos trazer uma perspectiva qualitativa de um processo descritivo para uma melhor visão da realidade de vida dessas pessoas.

O presente trabalho teve como embasamento teórico os autores Schmidt e Bosa (2003), pela qual os autores discorrem que abordam os riscos de crise e estresse parental que os pais podem ter, devido à demanda dos cuidados com a criança.

4 RESULTADOS

Autor	Ano	Título	Objetivo	Resultados	Consideração Final
SMEHA, Luciane; CEZAR,	2011	As vivências da maternidad	Compreender como as mães percebem	Grupos sociais auxiliam na qualidade de	Considera-se que a gestação de uma criança

Pâmela.		e de mãe de crianças com autismo.	suas vivências da maternidade autista, principalmente os processos do cuidado, a importância da rede de apoio.	suporte e quanto mais ajuda eles tiverem de outras pessoas sendo familiares ou não, mais confiança elas têm na sua relação de cuidado e vivência com o filho.	autista é muito difícil pela carga de cuidados intensivos. Trazendo a necessidade e importância da atuação da psicologia e de outras áreas para facilitar o lugar de fala dessas mulheres. Um espaço de apoio que facilite a troca de experiências e produções científicas.
SEGEREN, Letiácio.	2014	As vivências de mães de jovens autistas.	Se propõem analisar as vivências de mães de jovens autistas, para	O estudo apontou que o diagnóstico ocorreu na maioria das vezes de uma forma	Há uma necessidade de ações políticas sobre educação sexual de

			<p>identificar os comportamentos após o diagnóstico de autismo, seu dia a dia e sua expectativa sobre o filho.</p>	<p>ampliada, onde seu foco está nas questões do desenvolvimento. As mães mudaram seus planos do dia a dia para o cuidado do filho, sendo uma dificuldade a intenção de informação sobre o desenvolvimento sexual e orientação a esses responsáveis</p>	<p>peças especiais, pois há uma dificuldade entre os responsáveis de como auxiliar seus filhos. Tendo visto que com o amadurecimento hormonal na adolescência a um aumento da agressividade, sendo mais um pretexto para a reclusão do jovem.</p>
--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>LEGISLATIVA, Assembleia.</p>	<p>2015</p>	<p>Cartilha: Transtorno do espectro do autismo.</p>	<p>Seu desenvolvim ento vem com o objetivo de levar informação sobre o autismo, facilitando o entendiment o com uma escrita clara e concisa.</p>	<p>Quanto mais informações as pessoas e profissionais tiverem sobre o assunto, mais fácil será o processo de diagnóstico e de quebra de paradigmas.</p>	<p>A cartilha é uma forma de auxílio não só no diagnóstico de T.E.A, mas na facilitação do entendimento de seus familiares e profissionais para um tratamento precoce.</p>
-------------------------------------	-------------	---------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>CONSTANTINI DIS, Teresinha; SILVA, Laila; RIBEIRO, Maria.</p>	<p>2018</p>	<p>“Todo Mundo Quer Ter um Filho Perfeito”: Vivências de Mães de Crianças com Autismo.</p>	<p>O artigo propõe a debater e refletir sobre a maternidade de mães que um dia idealizou um filho “perfeito” em detrimento às dificuldades que o TEA se desenvolve na criança.</p>	<p>O TEA foi mostrado de forma objetiva e concisa sobre a estatística de mães que têm filhos com TEA e como seu cuidado para com ele é desenvolvido através de acolhimento e assistência social.</p>	<p>O diagnóstico precoce e a preparação da mãe para um novo filho, o real, faz com que o desenvolvimento da mãe e também da criança possa ser sadio de ambos os lados. Ficando também a posteriori de reflexão sobre o papel e participação do pai nesse convívio com o TEA.</p>
--------------------------------------------------------------------------------------	-------------	--------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

LIMA, Rossano.	2014	A construção histórica do autismo (1943-1983)	Analisar o contexto histórico da descoberta do Transtorno Espectro Autista e qual a sua natureza existencial e em diferentes vertentes.	Fatores históricos sobre o assunto construíram de antemão conceitos e análises sobre o que seria o TEA como forma sentimental, comportamental ou mental e em diversos viés teóricos.	A transição do conceito para o outro identificava como era importante analisar o TEA a partir do cognitivo-cerebral para a obtenção dos dados mais aprofundados através de pesquisas.
LOPES, Hiara; MENESES, Ildaiane; KLINGER, Ellen; SUZUKI, Jaqueline.	2019	Transtorno do Espectro Autista: ressonâncias emocionais e ressignificação da relação mãe-filho.	Aborda entender os aspectos que a mãe passa diante da relação mãe e filho em detrimento ao diagnóstico do TEA e suas	Descobrimen to do transtorno através do fator clínico dentro do conceito psicológico e suas alterações de vivência a partir do momento em	O papel multidisciplinar para o tratamento do TEA e para a mãe que enfrenta junto é primordial para o desenvolvimento sadio e congruente através do

			principais relevâncias emocionais.	que descobre o transtorno e modifica então fatores emocionais para lidar melhor com o transtorno.	diagnóstico em família e para que possam explorar melhor as habilidades disponíveis para melhor vivência.
--	--	--	------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>SCHMIDT, Carlos; BOSA, Cleonice.</p>	<p>2003</p>	<p>A investigação do impacto do autismo na família: Revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo .</p>	<p>Retificar estudos que abordam a repercussão sobre transtornos globais do desenvolvimento e suas evoluções, dando ênfase ao autismo no meio familiar. A Partir da ideia de que o transtorno perpassa no meio familiar e fora dela, podendo atingir a rede familiar no decorrer do ciclo vital.</p>	<p>Discorrer todo o contexto histórico do transtorno, englobando todas as necessidades vivenciadas pelas famílias, resultando em uma rede de apoio para auxiliar no desenvolvimento da criança e a importância de diagnosticar o mais cedo possível para que se tenha um bom resultado a longo prazo.</p>	<p>Os estudos inicialmente focaram nos impactos da criança com o transtorno em relação aos pais, voltando os estudos para a visão inversa. considerou se que neste ponto de vista, considerando a síndrome crônica, há um pico de estresse em relação aos pais por o desenvolvimento da criança acontecer a longo prazo.</p>
--------------------------------------------------	-------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>CONSTANTINI DIS, Teresinha; PINTO, Alinne.</p>	<p>2020</p>	<p>Revisão Integrativa sobre a Vivência de Mães de Crianças com Transtornos de Espectro Autista</p>	<p>Colaborar com campo de estudo que enfatiza mães de crianças com TEA, especificando mães brasileiras, que vivenciam a sobrecarga do ser mães com crianças com TEA. Caminhos encontrados por elas para lidar com os obstáculos apresentados diariamente por ter um filho com TEA.</p>	<p>Indicam que as mães que captam que seu filho não tem semelhança em relação ao desenvolvimento a outra criança de sua idade e a mesma busca recursos na área da saúde em busca de um diagnóstico preciso para iniciar sua caminhada em busca do melhor para seus filhos.</p>	<p>Conclui-se que mães de crianças com TEA se dedicam diariamente aos seus filhos colocando-os em prioridade na sua vida, essa dedicação perpassa por longas esperas por um diagnóstico preciso e tratamentos, percorrendo por serviços de saúde que não é muito favorável em relação ao tempo e autocuidado, a busca por uma equipe multidisciplinar.</p>
---------------------------------------------------------------	-------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>SAMPAO, Leão; MILFONT, Camila.</p>	<p>2019</p>	<p>Aspectos Subjetivos da Maternidad e: O Mito do Amor Materno</p>	<p>Investigar o cenário do amor materno e o mito de sua existência inata, exibindo sua transformação no meio social em relação ao seu ser mãe.</p>	<p>A percepção de que a maternidade por longo tempo o lugar que a mulher ocupava era o de ser mãe, hoje é diferente a mulher ocupou seu lugar na sociedade, havendo também mudanças no meio familiar, não sendo o homem como único provedor da família. A mulher também é responsável por isso e muitas vezes de forma solitária.</p>	<p>A maternidade não é o ápice da felicidade feminina. Contemplado a complexidade, importância e consequências do objetivo materno para o ser mãe. É visível essa transformação o feminina no ser mulher e mãe.</p>
---------------------------------------------------	-------------	--------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

5. DISCUSSÃO

Castro e Piccinini (2002) e Nunes (2007), quando trazemos o olhar dessas mães em suas experiências, se observa o quanto de recurso essas mulheres necessitam. Em seu processo de rotina como cozinhar, limpar a casa e cuidado que o filho precisa, não sobra espaço para o autocuidado. Dependendo dos graus de necessidade de auxílio, a criança necessita de mais tempo e cuidados. Observamos o quanto essas mães necessitam de ajuda de outras pessoas e até instituições para auxiliarem na diminuição desse tempo focado só para a criança.

Segundo Sluzki (1997) essa rede social se identifica como relação significativa, este tipo de relação traz os vínculos que são criados nesses processos de encontro com pessoas e instituições que tenham vivências e conhecimentos sobre o autismo, onde recebem ajuda emocional e até econômica.

Conforme Castro e Piccinini (2002) e Nunes (2007), as relações sociais que funcionam como uma rede de auxílio, podem ser a comunidade, escola, família e a equipe multiprofissional. Esses tipos de ajuda podem contribuir para uma fonte de ajuda e de aprendizagem para os pais.

Segundo Schmidt e Bosa (2007) a presença da família nos cuidados das crianças com autismo é uma forma de melhoria da relação familiar:

Apesar da relação estabelecida entre o estresse materno e a presença de uma pessoa com autismo na família, o Modelo Psicossocial de Bradford (1997) pressupõe que a presença de psicopatologia familiar não pode ser vista como uma consequência direta e inquestionável da ocorrência de enfermidades crônicas na família, mas como um processo que depende de vários fatores, tal como a qualidade do apoio social. (SCHMIDT & BOSA, 2007, p.187)

Uma outra forma de ajuda é a própria família, os maridos em alguns casos contribuem com seu apoio financeiro. O auxílio em relação aos cuidados com a criança, se obtém dos outros membros como outros filhos e avós na questão afetiva e até financeira. Esses apoios ajudam esses responsáveis a lidar com os processos da criança em suas dinâmicas e principalmente em seus próprios processos. A ajuda profissional é primordial para orientação dos pais nas formas de manejo, visando um desenvolvimento significativo e uma qualidade de vida para a criança. (MARCELLI, 1998; OWEN, 2001)

No encontro dos pais com a criança em sua casa, tende a perceber algumas atitudes diferentes de seu filho, principalmente se já tiveram outros filhos. Observa-se que os fatores do autismo podem ficar aparentes nos três meses, onde

seus comportamentos de relação com o externo podem mostrar lesões na aquisição da linguagem. (MARCELLI, 1998; OWEN, 2001)

Smeha e Cezar (2011) relatam sobre o processo do diagnóstico para os pais:

Dessa forma, quando a criança idealizada se torna uma criança com autismo, os sonhos e expectativas que os pais projetavam em relação ao filho se fragilizam. Eles sabem que essa criança não irá corresponder completamente aos seus ideais e, além disso, deparam-se com a certeza de que sua vida, a partir desse momento, precisará ser modificada. (SMEHA & CEZAR, 2011, p.46)

O analisar dos pais na suspeita de um possível diagnóstico do filho, vem a necessidade de uma confirmação. Segundo Nunes (2007), ao evidenciar as comorbidades presentes em sua criança, seus responsáveis apresentam ansiedade, culpa, preocupação e desilusão.

Em Nunes (2007), observa-se uma explosão de sentimentos na confirmação, se apresentando de uma forma própria de acordo com cada mãe. Podendo trazer incertezas e até clareza para algumas mães que agora têm conhecimento sobre o que é o autismo e as intervenções necessárias. Trazendo a importância do auxílio dos profissionais de psicologia num acompanhamento dessas famílias.

Para Fávero e Santos (2010), para falarmos sobre o diagnóstico, teríamos que falar sobre o período em que os profissionais não tinham conhecimento sobre o autismo. Praticamente os estudos relacionados eram compartilhados pelos próprios pais de crianças autistas. Essa falta de informação que os profissionais tinham, acabaram afetando a forma como esse diagnóstico era passado para os pais. Para Fávero e Santos (2010), os profissionais da saúde talvez não estivessem sensibilizados para a relevância que é o diagnóstico precoce.

Esse processo de desconhecimento pode levar a um diagnóstico atrasado, trazendo danos irreversíveis como auxiliar no aumento do sofrimento que a família sente por não saber lidar com o filho e até na quebra do preconceito. O conhecimento e a importância de capacitações, ajudam no diagnóstico precoce e na qualidade de vida dessas pessoas. (ANDRADE; RODRIGUES, 2010)

Segundo Andrade e Rodrigues (2010), atualmente já se fala sobre o aumento dos números de diagnóstico de autismo, isso por causa das ações governamentais e institucionais que ajudam nas divulgações de informação. Criando palestras, rodas de conversas com profissionais e na distribuição de cartilhas, panfletos e na elaboração de artigos.

Segundo Bosa (2006), quanto mais adiantado for o diagnóstico, mais adiantado será o tratamento. Levando essas crianças ao seu processo de autonomia em seu desenvolvimento, trazendo as mães a perceberem possibilidades tanto na sua vida quanto na do filho. E o acesso à informação só tem a acrescentar, não só por facilitar o diagnóstico ou na diminuição do preconceito, mas na garantia dos direitos que essas pessoas precisam para serem incluídas.

Smeha e Cezar (2011) frisam a importância da atuação da psicologia na maternidade:

Em face dos questionamentos referentes às práticas maternas, é necessário pensar o lugar da psicologia nessa situação. É preciso olhar não só para o autista, mas também para a família, principalmente para a mãe, já que é ela quem assume as maiores responsabilidades com o filho no que se refere aos cuidados básicos diários. (SMEHA & CEZAR, 2011, p. 49)

A maternidade propõe para as mães um desafio a mais no que se diz respeito a cuidar da vida de outro ser que está por vir e que vai além de questões hormonais pelo qual o corpo materno passa por transformações biológicas e, concomitantemente, por transformações psicológicas para chegada de um novo indivíduo ao mundo. (LOPES, H. B. et al. 2019)

Atrelado a isso, refletimos como a maternidade é observada a partir de um novo fator quando o descobrimento de comportamentos “incomuns” ao olhar clínico quando a criança demonstra, logo cedo, uma forma de se expressar e interpretar o mundo exterior de onde ela está inserida:

Essas mães passam por um processo que vai desde a resistência inicial até em perceber a diferença e afirmá-la para si, visualizando o contraste existente entre o filho sonhado e o filho real e entendendo que essa criança, em decorrência de suas limitações, não poderá ser conforme ela esperava. (CONSTANTINIDIS, T. C. & COLS, p. 48)

Ao se deparar com o desenvolvimento da criança, as mães percorrem junto com o filho a descoberta do Transtorno Espectro Autista e, assim, vem diversos sentimentos que se externaliza pela vulnerabilidade psíquica de culpabilidade, rejeição e até mesmo raiva por ter gerado um indivíduo que não supriu um *self*¹ idealizado pela mãe: uma criança normalizada pela sociedade. (LOPES, H. B. et al. 2019)

¹O self é descrito como instância psíquica fundamental que contém os elementos que compõem a personalidade, mas não contém o núcleo da existência genuína do indivíduo. Assim, o protagonista da existência é o “ser interior”, e o self atua como coadjuvante principal na formação da personalidade.

Falar sobre diagnóstico numa família no processo de um resultado possível de TEA é angustiante para a mãe e quem cuida dessa fase da maternidade. Medos constantes de receber um diagnóstico preciso e definitivo colocam em xeque do que a maternidade e o futuro dela iriam ter consequências para o desenvolvimento da mãe como pessoa e para a criança frente a isso. (LOPES, H. B. et al. 2019). O luto materno começa desde a notícia definitiva do diagnóstico e no luto vai embora toda idealização do filho biologicamente “perfeito” e com as disfunções inexistentes:

Saber o diagnóstico orienta essa mãe em questões essenciais de comportamento com o filho, como saber o modo de agir, falar, portar-se com ele. No entanto, o fato de haver a busca pelo diagnóstico, não significa que não haverá sofrimento ao recebê-lo. (CONSTANTINIDIS, T. C. & COLS, 2018, pág. 52)

Ressignificar o filho nascido com essa condição causa angústia e ao mesmo tempo preocupação para manter aquele ser coberto de afeto, cuidado e acolhimento mesmo em condições idealizadoras de um filho ideal criado em toda gestação. (CONSTANTINIDIS, T. C. & COLS, 2018)

De modo assistencialista, o enfrentamento e os poucos recursos da mãe para com o diagnóstico eleva a necessidade de uma rede de apoio e de aparato de políticas públicas de assistência para lidar com as formas de comportamentos que o TEA demanda no dia a dia e no crescimento da criança e no amadurecimento da mãe na sua fase de desenvolvimento intrínseco. A falta de assistência pública para manejo dessa demanda do TEA entre as mães que dependem dos serviços públicos. (LOPES, H. B. et al. 2019)

Pesquisas realizadas apontam que é observando outras crianças que a mãe de uma criança com TEA passa a constatar o comportamento de seu filho, é essa desconfiança que a leva ir em busca dos serviços de saúde, na intenção de alcançar um possível resultado. Por ventura o diagnóstico preciso nem sempre é satisfatório e essas mães começam uma grande jornada em busca de profissionais e serviços de saúde para obter uma resolução para o comportamento e jeito de ser de seu filho. (CONSTANTINIDIS e PINTO, 2020)

Segundo Constantinidis e Pinto (2020), o diagnóstico é um choque para essas mães, as deixando angustiadas, amedrontadas e ficam cheias de dúvidas por não saber lidar com tal situação. Na maioria das vezes é a mãe que se direciona a redes de apoio para se obter melhores informações sobre o que fazer adiante, como melhor cuidar de seu filho, buscando sempre o melhor para ele.

O diagnóstico psicológico é muito importante para os familiares da criança com TEA os tirando das dúvidas e os levando ao melhor modo de lidar com a nova realidade, assim levando a se adaptar com a vivência da criança, com a ajuda de profissionais da área de saúde, como, por exemplo, uma equipe multidisciplinar. (CONSTANTINIDIS e PINTO, 2020)

Anteriormente, por estar anexado nos Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGDs) como síndrome, rigorosamente articulado e responsável em três âmbitos do desenvolvimento que são, capacidade de interagir socialmente, de comunicar-se e não segue um padrão de comportamento. Estudos relatam que TGDs geram uma grande colisão em pais e familiares dos portadores das síndromes e transtornos. (BASA e SCHMIDT, 2003)

Os familiares de crianças com TEA se deparam com grandes dificuldades por ser algo muito desafiador e novo para eles, lhe dar com a situação apresentada os levando a modificar toda a rotina familiar e planos futuros, começam a montar novas estratégias e se reinventam pôr a criança com TEA necessitar de uma atenção especial, levando a família a viver como da criança. Levando em consideração todas essas adaptações faz com que o pico de estresse se eleve diferente de famílias que não têm crianças com TEA. (BASA e SCHMIDT, 2003)

As mães são as mais impactadas com o presente diagnóstico, elas ficam de início aflitas, preocupadas, inseguras e amedrontadas podendo ter o emocional bastante abalado, por se deparar com um filho não idealizado por ela, por esses motivos é muito comum essas mães apresentarem sentimentos de impotência e tristeza profunda a ponto da negação dessa criança, esses sentimentos causa alterações no relacionamento com seu filho. Algumas dessas mães chegam a adquirir depressão crônica por se colocar como culpada de seu filho não ter nascido como ela idealizava, são elementos que atrapalham essas mães no processo de moldagem do novo cenário que é o diagnóstico do filho. (CONSTANTINIDIS e PINTO, 2020)

Constata-se assim, a ideia de que a concepção de amor materno é atravessada pelo contexto histórico, social e cultural de cada indivíduo. De modo que a partir do ano de 1770 ocorreu uma mudança no modo de se cuidar dos filhos. As mães passaram a ser incentivadas e responsabilizadas com relação aos cuidados que deveriam prestar aos seus filhos, sendo impelidas a voltarem-se diretamente a eles dirigindo-lhes o seu afeto e amor. (MILFONT, 2019, pág. 19)

Essas sobrecargas psicológicas e não aceitação dessas mães as levam a não acreditar no amor materno, por elas mesmos não aceitarem seus filhos, levando-as acreditar que o amor materno é um mito. (MILFONT, 2019)

Constantinidis e Pinto (2020) relata que quem assume todas responsabilidades da criança com TEA é a mãe chegando ao ponto de relatar todo o cotidiano desse filho como se fosse o dela, a levando a tomar para si tudo relacionado a seu filho se comprometendo também com todo o desenrolar do contexto familiar, essa mãe começa gozar a vida do filho deixando a sua de lado para suprir a necessidade do filho com autismo e suas demandas cotidianas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos momentos atuais observamos não só o quanto é difícil ser mulher, mas a dificuldade que o papel de ser traz. Ao longo contexto histórico, observamos na música, na pintura, nas histórias o quanto o processo evolutivo feminino é voltado para ser mãe. Desde a infância, a criança é exposta ao dever de cuidar de sua boneca, ao cozinhar nas panelas em miniaturas. Um treinamento em miniatura de suas avós, mães, tias e irmãs.

Quando engravidam, iniciam seus processos experienciais da gestação, trazendo uma nova mudança corporal e uma relação diferente, pelo qual um novo ser que ainda não é conhecido pelas suas características virá ao mundo. Nesse processo de dúvida e de curiosidade, leva a mãe a caracterizar o que se espera de seu filho.

No idealizar, a criança esperada pelo desejo de seu reconhecimento, levam essas famílias a entrarem em conflitos por se deparar com aquilo que não foi planejado. Acarretando a angústia pela frustração e medo do desconhecimento de um diagnóstico, levando os pais a um conflito pessoal. É nesse momento de estresse e raiva pelo diagnóstico do filho que alguns pais abandonam essas mulheres e crianças autistas.

Um dos pontos observados pelas leituras e pesquisas sobre o assunto para esse comportamento é o papel que a sociedade coloca para as mulheres, como a que tem a obrigação de cuidar, zelar e amar. Tanto o feminino quanto o masculino podem castrar, educar, zelar e amar. O amor e o cuidado fazem parte de um

relacionamento familiar saudável, lembrando a importância desses pontos na educação infantil, principalmente dos meninos.

Vimos que há um luto pelo filho ideal nas mães de crianças autistas, pelo qual reconfiguram suas dores pela criança que necessita de cuidado, acolhimento e amando como socialmente é cobrada pelo seu papel. No diagnóstico do autismo, essas mães solas recebem auxílio da rede pública pela equipe multiprofissional. Mas a equipe vai estar focada no auxílio ao desenvolvimento da criança, pois poucas instituições fazem atividades focadas nessas mães.

Um outro ponto importante observado foi a necessidade de ambientes que acolhem essas mulheres em seus aspectos emocionais, físicos e biológicos. Ainda não se observa a importância do cuidar do cuidador. A dinâmica dos cuidados de uma criança autista a depender de sua necessidade de auxílio, tem que ser intensa, é nessa perspectiva de auxílio intenso e de acolhimentos em momentos de crises que traz cansaço e estresse aos cuidadores. É nessa visão que trazemos a importância de trabalhos humanitários e assistenciais a essas famílias para não só melhorarem as dinâmicas familiares, mas ajudarem essas crianças em seus desenvolvimentos pessoais, independência e autonomia.

Há uma grande importância das políticas públicas em suas ações não só em facilitar a igualdade dos sujeitos, mas melhorar a visibilidade de pessoas autistas e especiais, mostrando um mundo de possibilidades e inclusão para todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, M. S. (2014). **Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA).**

CIVIL, C. (2003). **Diário Oficial da União.** Brasília, DF, 22.

CONSTANTINIDIS, T. C., Silva, L. C. D., & Ribeiro, M. C. C. (2018). **Todo mundo quer ter um filho perfeito: vivências de mães de crianças com autismo.** *Psico-USF*, 23, 47-58.

CONSTANTINIDIS, T. C. Pinto, A. S. (2020). **Revisão integrativa sobre a vivência de mães de crianças com transtorno de espectro autista.** *Revista Psicologia e Saúde.*

FARAH, M. F. S. (2011). **Administração pública e políticas públicas.** *Revista de Administração Pública*, 45, 813-836.

FÁVERO, Maria Ângela Bravo, e Manoel Antônio dos Santos. **Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura.** *Psicologia: reflexão e crítica* 18 (2005): 358-369.

LEGISLATIVA, A. **Transtorno do Espectro do Autismo.**

LOPES, H. B., Menezes, I. C. Klinger, E. F. Suzuki, J. S. (2019). **Transtorno do Espectro Autista: ressonâncias emocionais e resignificação da relação mãe-filho.** *Revista Cereus*, 11(2), 48-61.

LIMA, R. C. (2014). **A construção histórica do autismo (1943-1983).** *Ciências Humanas e Sociais em revista*, 36(1), 109-123.

INSTITUTOCUIDAR. **O que é self para a psicanálise?** Disponível em: <<https://institutocuidar.com/o-que-e-self-para-a-psicanalise/>>. Acesso em: 24 jun. 2023.

OLIVEIRA, B. D. C. Feldman, Couto, M.C. , V. Lima, R. C. (2017). **Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação 1.** *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 27, 707-726.

SCHMIDT, C., & Bosa, C. (2003). **A investigação do impacto do autismo na família: revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo.** *Interação em Psicologia*, 7(2).

SCHMIDT, C. & Bosa, C. A. (2007). **Estresse e autoeficácia em mães de pessoas com autismo.** *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 59(2), 179-191.

SEGEREN, L., & Françoço, M. D. F. D. C. (2014). **As vivências de mães de jovens autistas.** *Psicologia em Estudo*, 19, 39-46.

SMEHA, L. N. Cezar, P. K. (2011). **A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo**. *Psicologia em estudo*, 16, 43-50.

SAMPAIO, C. U. D. L., & MILFONT, C. R. **ASPECTOS SUBJETIVOS DA MATERNIDADE: O MITO DO AMOR MATERNO**, 2019.

SERRA, Dayse Carla Genero. **A inclusão de uma criança com autismo na escola regular: Desafios e processos**. *Rio de Janeiro*. 2004.